



GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E EVASÃO ESCOLAR: FACES DE UMA MESMA MOEDA? OU FALTA DE INFORMAÇÃO?

DAMASCENO, Tâmila Thaiane da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)
tamila.thaiane@hotmail.com

ANDRADE, Antônia Andreza Moreira dos Santos
Universidade Federal do Ceará (UFC)
andreza.moreira44@gmail.com

Eixo temático 3: Políticas e práticas de formação dos docentes e dirigentes escolares

RESUMO

A gravidez na adolescência é um tema de grande relevância social e geralmente ocorre no período das *descobertas*. É nesses tempos de descobertas que os indivíduos começam a conhecer seus próprios corpos, assim como são afetados por vontades e desejos que permeiam e marcam essa fase da vida. Contudo, uma gravidez precoce pode trazer complicações que serão levadas por toda a vida e comprometem o futuro desses jovens, como por exemplo, trazendo prejuízos para a vida estudantil e profissional. Além disto, como consequência de uma gravidez indesejada poderão ocorrer várias complicações: físicas, psíquicas e sociais, por exemplo: a evasão escolar. Embora nem toda gravidez na adolescência seja indesejada, a maioria sim. Por isso, faz-se necessário obter conhecimento dessa condição para então ter o poder de escolha. Diante da realidade apresentada, o principal objetivo deste trabalho é disseminar conhecimentos a respeito do tema em evidência, para que através da escola, da educação formal e do fomento de Políticas Públicas educacionais que promovam o conhecimento métodos contraceptivos como também evitem o contágio por Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs.

Palavras-chave: Gravidez indesejada. Evasão Escolar. DSTs

1 INTRODUÇÃO

Pensar no processo de ensino e aprendizagem é não esquecer que precisamos romper com determinados paradigmas sociais, que visam manter as relações de poder existentes, sejam elas do patriarcado ou capitalismo, é preciso que sejamos sujeitos atuantes, principalmente nós, futuros docentes que atuaremos nas escolas. De acordo com Gore (1994), é preciso reconhecer que há necessidade de serem feitos trabalhos em caráter de desconstruir em vários domínios, que vão desde os discursos tradicionais até os discursos radicais, enfatizando que é preciso haver reflexão de todos eles.

Quase tudo o que conhecemos sobre o corpo vem, em grande parte, do que é transmitido na disciplina de Ciências e Biologia, presentes na formação básica escolar, isto é, no Ensino Fundamental e Médio. Dessa maneira, podemos citar Melo et al. (2011)



que afirmam ser necessário que a sexualidade vá além da psicologia, religião ou da psicanálise e seja atrelada ao meio social, para que possa ser compreendida de uma maneira emancipatória.

Há uma etapa da vida em que o corpo começa a sofrer transformações, elas vêm acompanhadas de mudanças de humor, comportamento e nos interesses pessoais. É um momento que faz parte do desenvolvimento, onde deixamos de ser crianças e nos preparamos para a vida adulta, a adolescência é responsável por essa transição sendo uma fase de muitos conflitos, que é diferenciada para cada indivíduo, não há tempo de começo e nem término estabelecidos para todos.

No período das descobertas, os indivíduos começam a conhecer seus próprios corpos, assim como vontades e desejos que permeiam e marcam essa fase da vida. Contudo, essa fase pode trazer certas complicações que serão levadas por toda a vida e comprometer o futuro desses jovens, como por exemplo, a gravidez não desejada. A gravidez quando ainda se é adolescente é muito mais complicada do que em outros momentos da vida, pois já se está passando um momento de muitos conflitos pessoais e ainda é preciso lidar com conflitos físicos e psicológicos, provenientes de uma gravidez.

Socialmente o que muito ocorre é o abandono por parte do pai da criança, que muitas vezes são também adolescentes e fogem da responsabilidade pela imaturidade psicológica, enquanto fica para a mãe e família da adolescente as novas responsabilidades com a bebê. Responsabilidades que vão desde questões financeiras ao cuidado com a criança que é frágil, essas questões problemáticas afastam os adolescentes das escolas, mesmo quando há o apoio do pai, pois precisam trabalhar para manter a criança e ajudar a mãe nos momentos necessários. Isso acontece pela falta de conhecimento e maturidade, o que se pode ser evitada com um pouco de conhecimento dado em aula e discutido em casa com os familiares.

Com isso, a gestação na adolescência não traz preocupações só na família, como também para a Saúde Pública do país, não deixando de ser também um problema educacional, visto que faltam políticas públicas nessa área. Dentre elas podemos destacar a prática do sexo sem proteção que também pode acarretar a infecção pelo vírus da HIV e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs. Em relação à infecção pelo HIV, os dados epidemiológicos mostram um aumento na faixa etária de 17 a 20 anos do percentual do número de casos, que passou de 0,09% em 2006 para 0,12% em 2011. Considerando um período de 30 anos, de 1980 até 2009, 2,1% dos casos foram diagnosticados entre 13 e 19 anos, sendo 49,7% destes em pacientes do sexo feminino (TABORDA, 2014).



No entanto, segundo Dandorian (2003), nem toda gravidez é considerada indesejada existem alguns casos, de adolescência que possui um nível socioeconômico elevado, que há planejamento prévio ou mesmo o desejo que possui em ser mulher, algumas meninas fazem essa conexão que para ser mulher é preciso ser mãe, o *trinômio: adolescente-mãe-mulher*, onde a gravidez é a via de acesso à feminilidade. A afirmação social nesse meio se expressa na maternidade, o que possibilita dizer que se trata, nesse caso, de uma gravidez social, isto é, maternidade social.

Através do filho, essas jovens se sentem mães e mulheres (DANDORIAN, 2003). A ideia de que a gravidez indesejada é resultante da desinformação sobre os métodos contraceptivos e de que quanto mais precoce é a iniciação sexual, mais vulneráveis à concepção estarão as adolescentes parece ser um consenso (TABORDA, 2014). Esse trabalho tem como objetivo principal relatar experiências por meio das observações e regências das bolsistas da Residência Pedagógica¹ tendo como ponto de partida a temática de discussão de Gênero, Sexualidade e Gravidez na Adolescência, e ainda atentar para o processo de autonomia da formação docente em construção nesse processo.

2 DESENVOLVIMENTO

Sabe-se que há diversas maneiras de se inserir e discutir a temática de Gênero, como diz Melo et al. No livro *Sexualidade e Gravidez na Adolescência*, partindo da base higienista (biológica) até a emancipatória.

Um dos pontos iniciais que deram origem ao presente trabalho foram as discussões sobre Gravidez na Adolescência, durante as aulas de Biologia no Ensino Médio, os alunos apresentaram certas confusões ao longo das avaliações, como por exemplo o local onde ocorre a fecundação, no qual muitos disseram que seria no útero. Percebemos também tons de “brincadeiras” sobre as DSTs e confusões sobre alguns métodos contraceptivos, como o uso da tabelinha. Partindo dessa realidade achamos de grande importância revisar e abordar esse assunto mais uma vez, mas com uma metodologia diferente.

Para que a atividade fosse executada, foi necessário ver com quais professores poderíamos trabalhar e o de educação física fazia essa atividade com os alunos dos 1º anos. Combinamos com o professor e tentamos abordagens de rodas de conversas com os alunos, onde expomos questões sobre sexo, sexualidade e gênero e os alunos relatariam seus questionamentos, dúvidas e comentários escolhemos essa metodologia para que houvesse uma maior interação com os alunos, onde foi possível tratar das questões sociais que envolvem a gravidez na adolescência e o uso adequado dos métodos contraceptivos, além das DSTs – como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).



Após cada atividade realizada, anotamos nossas percepções sobre a atividade e também sobre a opinião dos alunos sobre cada intervenção. Nossos relatos possibilitaram a reflexão sobre a prática docente e também mostrou a importância de discutir essas temáticas com os alunos.

Primeiramente, utilizamos o material (*slides*) que o MEC disponibiliza para a abordagem do assunto, os temas estão na ordem: gravidez e suas consequências sociais, métodos contraceptivos e por último DSTs. Entraram para as discussões assuntos como planejamento familiar, uso de métodos contraceptivos e abandono escolar. Os próprios alunos colocaram esses questionamentos, e a atividade pode fluir muito bem. Eles, apesar de adolescentes, compreendem que ali cada um tem uma realidade diferente, e acabam respeitando a ideia e experiências uns dos outros. Os alunos ainda tinham dúvidas de métodos como a tabelinha, diafragma, coito interrompido e pílula do dia seguinte. Que foram esclarecidas ao longo dos questionamentos feitos por eles.

Tomando por base as orientações do Ministério da Saúde (2002), esclarecemos que os métodos contraceptivos devem ser escolhidos juntamente com o médico, ele é o único profissional que poderá fazer essa indicação para as particularidades do seu organismo, que não deve-se escolher o mesmo método da colega por funcionar com ela o que pode ter efeitos totalmente ao contrário em você e que os homens também devem consultar-se com seu médico urologista com frequência maior, eles não estão imunes a DSTs e algumas são silenciosas, daí vem a importância de também se consultarem.

Após essas constatações alguns alunos relatam que o uso da camisinha masculina, às vezes não é utilizada pois, a menina relata ter alergia ou perdem a sensibilidade com o uso da mesma dificultando o prazer. Combatemos essas 'desculpas' esclarecendo que existem camisinhas masculinas variadas, entre elas sem látex, sensíveis, tamanhos diferentes. Então não há desculpas. Segundo a pesquisa feita pela Revista Saúde, da editora Abril:

Quase quatro em cada dez brasileiros de 18 a 29 anos ouvidos na pesquisa "Juventude, Comportamento e DST/Aids", que entrevistou 1 208 pessoas nessa faixa etária em 2012, admitiram não usar preservativo em sua última relação. É mais uma evidência que corrobora uma triste constatação: nesse grupo, o fator de risco para doenças que mais cresceu nas últimas duas décadas foi o sexo inseguro. De 1990 a 2013, migrou da 12ª para a 2ª colocação na faixa dos 15 aos 19 anos e do 6º para o 2º lugar para quem tem entre 20 e 24 anos – só perde para o consumo de álcool. (BERNARDO, 2018).

Outro trecho que achamos de grande importância foi "As pessoas só se previnem contra o que conhecem. Por isso, as campanhas educativas precisam encontrar eco na sociedade", diz a médica Tânia Vergara, da Sociedade Brasileira de Infectologia. Nesse



sentido a escola é um ambiente fundamental para propagação da causa. No entanto ainda carecem de políticas públicas que favoreçam a amplitude das ações educativas.

3 CONCLUSÕES

A adolescência é uma época marcada por muitas transformações na vida do indivíduo, porém uma fase de muitas descobertas, vontades e dúvidas. Nessas descobertas estão principalmente ligadas ao corpo é através deste que há a identificação do que se está passando. Muitas vezes, os jovens não possuem o conhecimento suficiente para construir essas experiências com segurança o que poderá trazer para suas vidas problemas irreversíveis que os acompanharão por toda sua vida, como por exemplo: gravidez que na maioria das vezes é indesejada quando ainda se estar na adolescência e a obtenção de DSTs. Mas com o conhecimento esses problemas podem ser mínimos ou até inexistentes.

O presente trabalho mostrou a importância de relatar a prática reflexiva docente, assim como o processo de elaboração e execução de atividades que discutem as realidades enfrentadas por muitos jovens, sendo um processo desejado ou não, que permeia também a autonomia docente. Autonomia que vem sendo posta em prova, dadas as atuais circunstâncias no cenário político, principalmente no que diz respeito a projetos que visam impedir discussões em salas de aula, como o Projeto de Lei Escola Sem Partido.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, André. Doenças sexualmente transmissíveis não para de crescer. **Saúde**, 03 abr. 2018. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/numero-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-nao-para-de-crescer>>. Acesso em: 09 out. 2018.

DANDORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 1, mar. 2003.

GORE, J. M. Foucault e educação: fascinantes desafios. In: TADEU, T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-20.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio**. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: 09 out. 2018.

TABORDA, J. A. et al. Consequências da gravidez na adolescência para meninas considerando-se as diferenças econômicas entre elas. **Cad. Saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 16-24, mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2014000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2018.